

Eixo temático: Saberes e fazeres docentes. Educação e linguagens. Metodologias de ensino e avaliação da aprendizagem. Relação professor-aluno. Questões contemporâneas de currículo. Educação e as tecnologias de informação e comunicação.

Categoria: Trabalho Completo

A AÇÃO PEDAGÓGICA EM MEIO AOS DESAFIOS DA PÓS-MODERNIDADE

Autora: Inês Kumiechick Mariani¹

Resumo:

Com este trabalho busco refletir sobre a ação pedagógica em meio às transformações sociais ocorridas nas últimas décadas e seu reflexo no campo educacional, ao que muitos configuram como pós-modernidade. Compreensão que se caracteriza-se como um período de grandes transformações, onde as verdades, os referenciais, os métodos tidos com certos, começam a ser questionadas e a sociedade passa a se ver de modo diferente. Percebe-se que os reflexos destes novos tempos têm gerado muitas dúvidas, incertezas e desossosgo entre os professores e demais profissionais envolvidos com a educação, pois o modo como se educava anteriormente, pautados de ideia de padrão, domínio absoluto, onde todos aprendiam e agiam da mesma forma já não cabem mais, pois hoje cada um pensa e age conforme seus critérios e sua experiência de vida. Nesse sentido como compreender a ação pedagógica? Se a educação encontra-se afetada pelos efeitos da crise da razão moderna, o que temos como resultado é a expressão da perda de sentido e significado. O grande desafio posto neste cenário parece ser o de compreender a tessitura dessas relações, bem como visualizar práticas educacionais na perspectiva da diversidade e principalmente compreender o ser humano em sua complexidade temporal, como temporalidade.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Complexidade. Ação Pedagógica.

1 Introdução

Desde o momento em que o homem dá-se conta de sua condição temporal, de sua finitude, de sua capacidade de abertura, a educação tem representado a atividade central para garantir sua condição humana, seja enquanto indivíduo, seja enquanto espécie, seja, enquanto ação técnica ou enquanto sabedoria, seja enquanto imitação, seja enquanto processo orientado. E muitos foram os propósitos educacionais, como podemos visualizar ao longo da história, diferentes períodos, cada um com suas características próprias, umas fases mais importantes, outras nem tanto. Mas cada etapa colaborou para a formação da atual conjuntura política, social, econômica e cultural, revelando o humano em sua multidimensionalidade complexa, um debate, singularmente colocado pelos gregos: se a virtude é inata ou adquirida; se educação é uma questão de *thécne* ou de *phrónesis*?

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED)/(Unoesc).

Embora as repostas de Sócrates, Platão e Aristóteles tem sido enfática em dizer que educar é muito mais do que treinar e muitas outras respostas tenham sido dadas, atualmente, este debate ganha força e novos contornos em meio às proposições pós-modernas. Por isso ilustramos um pouco da trajetória ocidental dos principais ideais educacionais para recolocar a questão em torno da ação pedagógica em meio aos desafios pós-modernos e enfatizarmos a ação pedagógica, novamente como necessária de ser pautada pelo diálogo, como sabedoria prática.

Outra questão essencial que merece um posicionamento esclarecido, diz respeito à pós-modernidade, no sentido de seus alcances e limites, pois tem implicações profundas para a educação. Mas não somente para a educação, na medida em que, questionadora dos referencias universais, possibilita o aparecer das diferenças ao mesmo tempo em que confere potencialidade ao relativismo. Ou seja, a exigência pós-moderna é para com os elementos fundacionais do projeto educacional moderno, na medida em que revela suas nuances históricas, desdogmatizando-os, ao mesmo tempo, levando-nos ao perigo de não-referencialidade de sentido, pela efemeridade. Por isso, volver a tradição histórica é importante para lançar luzes ante a efemeridade do presente.

2 O questionamento pós-moderno

Pela sua importância cultural a Grécia foi um país que se destacou no mundo ocidental, pois é na cultura grega que estão inseridos importantes reflexos de nossa realidade educativa atual. A pedagogia grega buscava a valorização do homem, exaltando a sua inteligência, valorizando do trabalho intelectual e o ideal de cidadão.

Ligada a uma concepção de formação educacional para o exercício de todas as potencialidades do cidadão, a Paideia tem suas raízes na filosofia antiga e seus conceitos fazem parte da sociedade contemporânea. Platão, nas palavras de Jaeger (1995 p.147) define Paidéia da seguinte maneira “[...] a essência de toda a verdadeira educação ou Paidéia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento”. Não tinha como objetivo ensinar ofícios, mas sim treinar a liberdade e a nobreza.

Considerado o maior representante da pedagogia do Ocidente, Sócrates buscava despertar e estimular o lado pessoal e a verdade, ou seja, despertar o conhecimento de si próprio. Acreditava que o autoconhecimento era o início do caminho para se atingir o verdadeiro saber, em suas aulas convidava seus alunos para uma imersão em si mesmo, buscava que o aluno construísse seus próprios conhecimentos. Segundo Platão, o principal discípulo de Sócrates, a tarefa central de toda educação era elevar o espírito fazendo com que as pessoas olhassem para a luz do verdadeiro ser.

A partir século IV a.C a cultura grega se universalizou e a educação passou a valorizar o aspecto intelectual ao invés dos aspectos físicos e estéticos. A leitura, o cálculo e a escrita se desenvolveram amplamente, o método era de memorização, com valorização da disciplina e castigos rigorosos.

O período medieval foi o advento da doutrina da igreja católica, com visão teocêntrica, onde a educação passa a ser mais rígida, formal e controlada. O conhecimento passou a ser extremamente valorizado, porém para a maioria das pessoas esses conhecimentos não eram repassados, havia um controle rigoroso, com relação às leituras permitidas, com a finalidade de preservar o poder da igreja.

As escolas medievais não tinham a estrutura das escolas que conhecemos hoje, as aulas podiam ser realizadas ao ar livre e o conteúdo do ensino era o estudo clássico. A educação medieval sofreu mudanças significativas no século XII, pois a sociedade vai aos poucos se transformando o que faz com haja a ampliação dos estudos incluindo no currículo a filosofia, a teologia, as leis e a medicina. Nesta mesma época surgiram os mestres, a exigência de provas para a aquisição dos títulos de bacharel, licenciado e doutor e por fim o surgimento das universidades.

A educação do homem medieval ocorreu de acordo com os grandes acontecimentos da época, entre eles a pregação apostólica do século I depois de Cristo [...] surge um novo tipo histórico de educação, uma nova visão de mundo e de vida. As culturas precedentes, fundadas no heroísmo, no aristocratism e na existência terrena foram substituídas pelo poder de Cristo, critério de vida e verdade [...] GADOTTI, 2002, pp. 51-52.

Neste período as questões pedagógicas eram elemento de reflexão das pessoas dedicadas à interpretação dos textos sagrados, na preservação dos princípios religiosos, na conversão dos infiéis. A principal função da educação era a salvação da alma e a vida eterna.

O espírito religioso medieval começou a perder seu prestígio com o renascimento, onde a religiosidade perdeu seu espaço e o próprio homem procurava explicar a realidade que o cercava. A partir disso houve um resgate da dimensão humana e com isso vieram novas visões do mundo, do saber e da educação. A educação moderna passa a exigir modos diferentes de ensinar, métodos que levassem a compreender os fatos, as coisas de forma mais segura. Os sujeitos modernos buscavam romper com o conhecimento baseado na religião, por isso empenharam-se na busca da verdade e no desenvolvimento da ciência para sanar as dúvidas que surgiam. Goergen (2005, p. 16-17) diz que na modernidade

[...] a atitude contemplativa cede lugar a atividade racional que avança pelo mundo físico e social, na busca de novas formas de entendimento e de organização. A razão torna-se a nova força do homem pela qual o homem pode intervir no mundo social. Além de ser atributo do sujeito individual, a razão é alçada a capacidade de sujeito-espécie de promover a emancipação do homem através da ciência e da tecnologia.

A modernidade ampara-se na possibilidade da razão revelar verdades como forma de entender e dominar o mundo para emancipar o homem. Caracteriza-se como a era da racionalidade, a qual fundamenta não só o conhecimento científico, como as relações sociais, o trabalho, a vida social, a ação pedagógica, o caminho instrumentalizado para a formação do ideal de homem moderno.

O racionalismo privilegia o pensamento lógico como forma de explicação da realidade. A frase: Penso, logo existo; de René Descartes, é um dos textos mais conhecidos daquele que hoje é considerado o fundador da Filosofia moderna e do racionalismo, doutrina que atribui à

razão humana a capacidade exclusiva de conhecer e constituir a verdade. Só existe quem pensa, o pensamento emotivo não é próprio da existência, então para existir era preciso pensar de forma lógica.

Como sua proposição racional a ciência transformou-se em uma nova metafísica, como se fosse capaz de resolver todos os problemas com a promessa de progresso, controle da natureza e da própria história. Com esse processo o homem perdeu a sua identidade, acabando por se incluir muito mais nas questões sociais e políticas do que em si mesmo.

Conforme Capra (2006), os estudiosos colocaram a ciências a seu serviço ou a serviço de suas novas conquistas e a escravizaram, legitimando a ideia de que o homem enquanto observador neutro não ocupa espaço no universo conhecido e, portanto, não existe na história, está isento de valores e perspectivas.

A pós-modernidade passa a ganhar força na segunda metade do século passado e surge como uma crítica à modernidade, expressando uma nova era, em que os ideais do modernismo, com suas ambições de verdade e universalidade são postos em questão e os princípios modernos são readaptados com flexibilidade e fluidez.

O filósofo francês Lyotard, em 1979 definiu a pós-modernidade como sendo uma situação em que as grandes narrativas deixam de ter a credibilidade que tinham. A ciência não é mais a única forma do saber validado e os grandes modelos metafísicos, com suas pretensões de verdades cedem lugar para o pluralismo e o indeterminismo.

No momento em que o homem moderno percebe o enfraquecimento da razão ele passa a buscar a satisfação através do consumo exagerado e pelos modos de se comunicar. A sociedade é marcada por muitos contrastes, onde uma ampla variedade de estilos de vida diferentes aparece, acentuando os valores herdados da modernidade. O individualismo ganha espaço através da supervalorização do eu, onde cada um se fecha em si e cuida das suas particularidades. Dessa forma houve um esvaziamento da igreja, da família, da escola e através disso um enfraquecimento dos ideais coletivos, onde não há mais a crenças fixas, mas sim a perda de sentido, de totalidade e de unidade.

Zygmunt Bauman (2003) traduz a pós-modernidade como “modernidade líquida”, uma vez que nada mais é realmente concreto na era atual. Tempo e espaço são reduzidos a fragmentos, e o ser humano é colocada diante de uma opção infinita de probabilidades, onde a subjetividade humana é incessantemente fracionada. O que se percebe é que todas essas mudanças vêm impactando muito sobre o sujeito na sua significação pós-moderna.

Dessa forma, há necessidade de reflexão sobre qual é o sentido de ensinar e o que é aprender em meio as transformações da pós-modernidade. Goergen (2012) afirma que “O pensamento pós-moderno, ressalva feita ao seu viés modista e radical, reflete uma realidade em transformação que precisa ser assumida criticamente pela teoria educacional e refletida na perspectiva de seu significado, presente e futuro, na prática pedagógica”. (Eccos Revista Científica, núm. 28, 2012, p.167)

Na sociedade contemporânea ensinar e aprender passou a ser um grande desafio. Segundo Bauman (2007, p. 09) “a sociedade é uma “rede” e isso faz com que seja percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias com um infinito de permutações possíveis”.

Tudo está em constante transformação e a educação parece estar num movimento entre a preservação dos modelos antigos e a inovação, enfrentando desafios constantes, procurando atender uma geração ligada na novidade, estímulos tecnológicos, liberdade, constituídos em um mundo virtual e digitalizado com amplas e diversificadas expectativas. Ainda Bauman (2007) sinaliza que esta é época em que todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor como modernidade sólida, são retiradas do palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade, tornando-se difícil encontrar na era atual recursos que possibilitem a construção de uma identidade sólida.

Durante toda nossa vida buscamos encontrar o sentido da nossa existência, que tem ligação com o tempo e o lugar que pertencemos. A pós-modernidade nos coloca diante de situações de decadência dos modelos de vida e de ética desencadeando no contexto educacional dificuldades para sustentar as escolhas teóricas e práticas. A procura pela informação, pelos conteúdos, mostra que a educação escolar atualmente está focada principalmente no desempenho, o que nem sempre garante trocas e discussões, o espírito crítico e a reflexão, muitas vezes, ficam deixados a segundo plano.

2 A ação pedagógica

Estamos num mundo em transição, onde as mudanças são diferentes em cada época, com limites e possibilidades, com princípios que delineavam modelos para orientar a ação, com propostas e ideais que levavam os sujeitos a lutar pela sua própria história no sentido da sua emancipação.

A pós-modernidade parece não nos apontar um caminho certo. Ela traz o questionamento das certezas, da ordem, dos comportamentos, levando-nos para a possibilidade de perceber outras dimensões, como a diversidade, a diferença, o diálogo, a solidariedade, o que tem provocado muitas angustias entre os educadores, refletindo um momento de transição do ensino e da prática docente, onde o professor é levado a redimensionar suas concepções, suas práticas, sua identidade, suas perspectivas.

Para pensar as práticas pedagógicas é importante refletir os desafios e possibilidades da educação diante das exigências da contemporaneidade. A construção de uma educação que consolida uma ciência pura e centralizada na certeza por meio das disciplinas estudadas na escola é incoerente, pois o conhecimento produzido hoje, sofre variações e demanda ações diferenciadas à medida que são feitas algumas descobertas que ampliam a visão do próprio homem. Sob este olhar a escola atual tem a função de perceber que o conhecimento humano é sempre um aprender a aprender dentro do seu processo histórico-cultural.

Atualmente há sempre mais a aprender, novas informações estão disponíveis a cada dia e a escola passa a ser criticada por não conseguir acompanhar essa evolução e fracassar na tentativa de ensinar. A rigidez funcional da maioria das instituições escolares com suas regras e seus protocolos são desanimadores. Seguem princípios de rigorosa divisão do conhecimento, do tempo, do espaço e de toda a programação das atividades pedagógicas, além de lidarem com

processos burocráticos que podem impedir qualquer movimento de mudança. Goergen chama atenção quando diz que:

É preciso, portanto, refletir com cuidado e espírito crítico o que significam, no espírito do chamado contexto pós-moderno, postulados como os seguintes: repensar a rede epistemológica da ordem, da harmonia e do controle das unidades de aprendizagem que constituem o fundamento da ortodoxia moderna à luz dos novos conceitos de fluxo, de localidade, de multiculturalidade; fazer a reengenharia da concepção administrativa da temporalidade da prática escolar desde o viés das temporalidades policrônicas que envolvem as práticas reais de ensino; superar a burocratização de currículo e a seriação dos conteúdos; instituir flexibilidade, relatividade e reduzir a previsibilidade; introduzir a ideia de tempo flexível, relativo, um tempo que escapa à previsibilidade; introduzir as noções de dissonância, dispersão e diferença. (Goergen, 2005, *Eccos Revista Científica*, núm. 28, 2012, p.163)

Ao tomar consciência das transformações que ocorrem na contemporaneidade, das possibilidades de conhecimento e do homem como sujeito que conhece e se transforma, se torna mais necessário o despertar urgente do educador para sua ação pedagógica como instrumento de aprendizagens significativa da própria educação, do conhecimento, do mundo e do próprio homem. O ser humano em movimento é o sujeito da educação em sua totalidade, pois os saberes se constituem a partir dele.

O olhar do professor diante das mudanças faz toda diferença na relação pedagógica, pois não temos como pensar em mudanças sem pensar nas relações que acontecem na escola, os vínculos que se estabelecem em sala de aula podem ser o segredo do sucesso ou do fracasso. É na sala de aula que se processam e se utilizam metodologias, paradigmas e teorias educacionais, ou seja é na a sala de aula que acontece a ação pedagógica.

Exige-se hoje dos profissionais da educação um preparo muito grande tanto teórico quanto prático para que ele possa visualizar métodos mais globalizantes, que transcendam as disciplinas individuais, buscando conceber visões e ações mais integradas. Lyotard (1993) e Bauman (1998), destacam que a realidade pós-moderna é fragmentada, diferentemente do mundo moderno, que era linear, previsível, tendo como objetivo principal o progresso. A fragmentação dos conteúdos desvincula o conhecimento da cotidianidade, da subjetividade humana, dos contextos sócio culturais, traz como decorrência a fragmentação do pensamento, das consciências, fazendo perder a compreensão do sentido da vida e da cultura.

Morin (2000), coloca a complexidade como um paradigma que mexe com os pilares da certeza, da ordem, da regularidade, do determinismo, do valor das avaliações, pilares estes que sustentam ainda hoje a educação. A partir da complexidade, propõe-se em primeiro lugar a necessidade de despertar a vitalidade adormecida na escola, promovendo no campo educacional a capacidade de contextualizar, enfrentando as incertezas e angustias, visualizando outros meios para propiciar novas configurações do fazer pedagógico. O sistema cartesiano moderno partia de um pensamento que separava, enquanto que na atualidade passa-se a buscar um pensamento que une, no sentido de substituir o reducionismo por um pensamento complexo.

É importante compreender que pensar e reconhecer a complexidade no nosso fazer educativo não é buscar receitas prontas ou respostas definitivas, mas estar aberto a esse desafio

de encarar e dialogar com o real, considerando sua totalidade, sua diversidade, as relações, o acaso, as singularidades. A transdisciplinaridade nos propõe uma oportunidade de melhorar as formas de ensinar e de aprender, tornando-as muito mais prazerosas e eficientes.

Diante disso, o trabalho transdisciplinar pode ser visto como uma forma de promover o diálogo entre conhecimentos, que passam a colaborar mutuamente para o enfrentamento dos problemas complexos que são enfrentados nas escolas. Esse diálogo refere-se não apenas à interação entre duas ou mais disciplinas, mas pressupõe o trabalho em conjunto. O trabalho coletivo é, ao mesmo tempo, uma maneira de reconhecer as limitações dos campos disciplinares e uma forma de buscar um conhecimento que só pode ser produzido a partir da articulação, tendo como princípio que nenhuma área do conhecimento pode ser considerada completa por si só.

As abordagens teóricas mostram caminhos para ser trilhados pelos educadores quanto à sua ação pedagógica e a postura que este devemos tomar. O enfoque transdisciplinar destaca que a disciplinaridade, a interdisciplinaridade juntamente com a transdisciplinaridade, devem ser consideradas abordagens complementares, que enriquecem uma a outra, mas é necessário que se faça um esforço no sentido de explorar as fronteiras existentes entre as disciplinas, visando uma compreensão melhor sobre a aprendizagem dos alunos, considerando que cada um tem seu modo de aprender, seu ritmo, suas potencialidades e habilidades. Isto implica numa ação pedagógica que exige do educador uma postura ativa, dinâmica, dialógica, contrapondo-se a todo e qualquer ato impositivo, rompendo com a tendência de repetição vazia e mecânica dos conteúdos.

O que se observa é que atualmente, a maioria das práticas pedagógicas nas escolas desenvolvem-se na adoção do livro didático, em projetos de trabalhos desvinculados das experiências concretas dos alunos, na organização estagnada da sala de aula, nos aspectos da organização enfileirada das carteiras e nas relações de poder baseadas na autoridade do professor, como uma forma que abandona e exclui.

Partindo desta consideração, entendemos que o educador precisa compreender a complexidade da ação pedagógica dentro da sala de aula junto aos seus alunos. Uma prática pedagógica transdisciplinar implica uma revisão constante, sobre nós mesmos, sobre o outro, sobre os métodos, e sobre a vida, tendo clareza da diversidade de elementos e de movimentos da educação atual. Nossa responsabilidade é de estarmos totalmente envolvidos por esta transformação, garantindo que prática pedagógica não seja estática, mas sim aberta ao novo, ao resgate da coletividade e desse modo contribuir para formar a personalidade e o caráter do aluno, que se expressarão por meio dos seus valores e das suas escolhas, da sua postura diante da vida e do mundo.

Se há um constante movimento de mudanças na sociedade, na escola, com as pessoas, não tem como o educador estar indiferente. Cabe ao educador refletir e questionar sobre a realidade que se mostra, com olhar de pesquisador, intencional e investigativo que vai além das práticas comuns, impulsionando e desvendando novos conhecimentos, tendo a pesquisa como princípio articulador dos processos de aprendizagem e através desta capacitar para o pensar e para o aprender a aprender, frisando que a presença das tecnologias exige novas posturas, tanto do professor quanto do aluno, desenvolvendo a habilidade para decidir o que procurar, como obter, como processar, como usar as inúmeras informações presentes no nosso cotidiano.

A sala de aula ainda é o lugar por excelência da educação, mas cada vez mais os recursos tecnológicos permitem novos rumos e novos avanços que não podem ser ignorados, muito pelo contrário, precisam ser conhecidos e utilizados na formação das novas gerações. A sala de aula e a escola são locais de encontro, mas o ambiente virtual começa a ganhar importância.

Ensinar diante de uma nova realidade requer do professor conhecimento se de fato queremos que a educação seja capaz de formar as novas gerações. É imprescindível reestruturar pedagogicamente as escolas, capacitar professores e, além disso, desenvolver ações pedagógicas baseadas na interatividade, na personalização e no desenvolvimento autônomo de aprender a pensar.

Talvez o desafio seja justamente o de ressignificar, levando em conta que a escola, como instituição organizada, com um currículo interdisciplinar, flexível, deve propiciar ao aluno o entendimento do mundo político, econômico, social, tecnológico, cultural para que ele possa aproveitar os recursos tecnológicos para trabalhar criticamente o conteúdo e os meios utilizados, além de jamais esquecer o aspecto humano, promovendo um diálogo construtivo e rico de possibilidades, de sentidos que não se esgotem no atendimento apenas nas urgências sociais, também não se dispersem em horizontes afastados demais da vida prática a ponto de não serem capazes de movimentar o sujeito para a ação.

Ao buscarmos uma outra perspectiva para a ação pedagógica, apontamos também para a alteridade como um dos instrumentos que nós educadores podemos vislumbrar. O exercício da alteridade traz a possibilidade de um compartilhamento com alunos do conhecimento construído em uma aula, compartilhando com algo que é diferente de mim. A alteridade nos lança para a ética, para o encontro, sendo um dos pontos cruciais do ensinar levar os alunos a reconhecer o outro respeitando limites e particularidades que podem contribuir para a construção do conhecimento, sendo uma forma de fazê-los entender a diversidade como algo que acrescenta, que nos projeta para além daquilo que está posto, constituindo uma consciência histórica, no sentido de entender que somos resultado do processo histórico que vivenciamos.

Pela alteridade o professor tem a oportunidade de ingressar no mundo do educando numa proximidade que possibilitará adaptar conteúdos, metodologias e tendências, de forma que tudo isto os favoreça na construção do conhecimento e conseqüentemente, na formação dos alunos. Nadjan Hermann (2011) diz que:

Pelo estranhamento surge a oportunidade de diálogo com o outro, que traz consigo a lógica da pergunta e da resposta. Essa dimensão interrogativa não se assemelha a um código a ser decifrado. O outro traz novas perguntas que levam o parceiro a rever sua posição, explicitá-la. O ponto de partida não é o sujeito, mas o diálogo que nos faz submergir em algo com o outro. Este pode nos surpreender e, assim, somos provocados a sair de nossos enclausuramentos, mesmo que não saibamos para onde vamos. (Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 137-149, jan.-mar. 2011).

Compreender esse tempo em mudança e os impactos que a sociedade vêm exercendo sobre o indivíduo enquanto sujeito temporal, estando disposto a refletir e analisar a ação pedagógica praticada no encontro com o outro, pode ser uma possibilidade que venha contribuir no processo do ensino-aprendizagem e talvez diminuir as angústias e conflitos enfrentados pelos educadores diante do cenário pós-moderno.

4 Considerações finais

Analisando a educação numa perspectiva histórica e no intuito de entender seus desafios ao longo do tempo, observamos a importância das ações pedagógicas e como estas se articulam para se transformar na dinâmica do tempo, assim como o próprio o homem se redescobre em cada etapa de sua existência.

A tomada de consciência para uma prática pedagógica ressignificada é construída por reflexões constantes, por inovações, por encaminhamentos e propósitos. Precisamos pensar a educação, seus meios, seus fins, suas perspectivas, as relações que nela se estabelecem. Enquanto educadores a escola não é só responsabilidade nossa, mas é também nosso compromisso pensar a ação pedagógica e não apenas aceitar os modelos já traçados por outras aspirações.

Diante disso e muito importante a nossa atitude, como agimos, como falamos, como olhamos o outro, no sentido do reconhecimento daquele que está diante de nós, seja o aluno, seja os colegas, seja a família, ou pessoas da comunidade. As ações que desenvolvemos precisam ser constituídas do experienciar, do desenvolvimento de relações amorosas, do planejamento pedagógico visualizando o diferente e neste sentido entra o nosso potencial criativo para pensar e constituir a projeção educacional ressignificando nossa prática, reconhecendo diferenças que constituem o ser, trazendo a própria história como forma de visualizar a subjetividade humana.

Sabemos que há muito o que fazer para romper com o sistema posto, mas o importante é para que participemos da reflexão através da abertura para uma promoção aprendizagens cooperativas em oposição à ideia trabalho individual, da possibilidade de integração e do reconhecimento da necessidade de união e de trabalho coletivo, desenvolvendo experiências na perspectiva da sensibilidade e expressividade do eu, diante do aspecto abstrato do aprendizado escolar.

A ação pedagógica pautada na alteridade, no diálogo, na flexibilidade, na ação comunicativa, pode levar o aluno a entender por si só a importância de aprender e com isso alargar seus horizontes, problematizando, perguntando, tendo curiosidade, emergindo para além do que está posto. Pensar a ação pedagógica de modo articulado e em conjunto envolve enfrentar desafios diários, mas que podem nos levar a vislumbrar uma prática pedagógica no sentido de viver outras práticas educativas mais condizentes com o nosso tempo. Por isso, é muito importante construir novas referências, pensar nas diferenças, nas singularidades, ver o outro com seus limites, fragilidades e possibilidades, entendendo que o conhecimento pode ser sim, uma condição para crescermos enquanto seres humanos.

Importantes, os questionamentos pós-modernos, precisam ser observados enquanto questionadores dos valores, referências, ideais tidos como atemporais, enquanto abertura. Contudo, o puro questionamento, desconexo da dimensão histórica é, no mínimo problemático. Ou seja, a educação, a ação pedagógica devem se efetivar e encontrar sua força no horizonte histórico, mais enquanto força do que enquanto método.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. Vida Líquida. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CAPRA, Fritjof. O Ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 2006.

GADOTTI, Moacir. História das Idéias Pedagógicas. São Paulo: Ática, 2002

GOERGEN, Pedro. O embate modernidade/pós-modernidade e seu impacto sobre a teoria e a prática educacionais. *EccoS*, São Paulo, n. 28, p. 149-169. maio/ago. 2012

_____. Pós-modernidade, ética e educação. 2. ed.revista, Campinas, SP: Autores Associados, 2005, (Coleção polêmicas do nosso tempo).

HERMANN, Nadja. Breve Investigação Genealógica Sobre o Outro. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 114, p. 137-149, jan.-mar. 2011, Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

JAEGER, Werner Wilhelm, 1888-1961. Paidéia: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 4ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa; posfácio: Silviano Santiago – 6. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. Título original: *La condition postmoderne*. (1979).

_____. O pós-moderno. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MORIN, Edgar. Ciência com consciência. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. A cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.